

## QUASE FAMOSOS: UMA ANÁLISE DA IMPESSOALIDADE NO JORNALISMO

Ivan Marinho Jorge<sup>1</sup>  
Rafael Barzotto<sup>2</sup>

**RESUMO:** O jornalismo sempre apresentou o choque antagônico entre o pessoal e o impessoal. Sendo assim, o filme “Quase Famosos” (Almost Famous, de 2000) aborda de forma clara esta visão que envolve os desafios que um jornalista enfrenta quando se vê cara a cara com uma situação em que deve controlar seus sentimentos pessoais e cumprir a sua missão de forma racional, prática e profissional. Para a construção desta análise, serão consultadas bibliografias de temas como psicologia, ética, cinema e é claro, obras relacionadas ao universo jornalístico. O trabalho será realizado por meio de um estudo qualitativo dos dados fornecidos pelo filme e da decupagem de cenas onde este conflito de ideias possa ser demonstrado. Assim, este artigo visa a analisar o dilema da imparcialidade do repórter no filme, fazendo assim uma reflexão construtiva sobre o exercício da profissão de jornalista. Ao final do presente artigo, a conclusão é que um bom profissional do jornalismo deve saber separar os aspectos pessoal e profissional, pois só assim poderá realizar um ofício honesto, sendo que honestidade e imparcialidade são justamente aquilo que a população mais precisa por parte dos jornalistas. O jornalista, por ser encarregado de informar à população, precisa estar acima de tudo comprometido com a verdade, sendo a relação entre jornalismo e ética o estudo do presente trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Impessoalidade, jornalismo, ética, verdade.

### INTRODUÇÃO

O dilema da pessoalidade/impessoalidade está presente no jornalismo, assim como em todas as profissões da atualidade. Nesse sentido, o presente artigo visa a propor uma reflexão a respeito dessa contradição no filme “Quase Famosos” (Almost Famous, 2000).

O filme mostra claramente alguns dos desafios que o jornalista enfrenta quando se vê cara a cara com uma situação em que precisa controlar seus sentimentos pessoais e agir de forma profissional. Trata-se do conflito racional/emocional, algo que está presente no íntimo de todas as pessoas e exerce influência sobre tudo o que elas fazem. Algumas pessoas são mais propensas a agirem passionalmente, enquanto outras são mais racionais, agindo de forma a controlar suas

---

<sup>1</sup> Acadêmico do 7º período do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade Assis Gurgacz (FAG).  
ivanmjorge@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professor orientador. barzotto@gmail.com.

emoções, que se trata de reações intensas em resposta a um acontecimento inesperado (BAHIA BOCK; FURTADO, 1999).

É interessante levantar discussões a respeito do tema, pois o controle das emoções e a busca incessante pela razão são uma das bases para o sucesso em qualquer carreira profissional. O ideal é a busca por uma maneira perfeita de equilibrar parcialidade e imparcialidade no exercício de uma profissão, sabendo a hora exata em que se deve agir de forma racional ou emocional, de modo a conciliar esses dois aspectos.

Neste sentido, o filme “Quase Famosos” utiliza a figura do repórter para exemplificar tal problema. A história do filme se passa em 1973 e retrata o cenário do rock’n roll na década de 70, assim como a interferência da imprensa no mesmo.

Mais especificamente, o filme conta a experiência de um jovem de 15 anos, que cresceu fascinado por música e escreve para uma pequena revista local. Mais tarde, seu texto é descoberto pela célebre revista “Rolling Stone”, que o contrata imediatamente e o envia para cobrir a turnê de uma banda emergente. Em sua cobertura, o jovem repórter rapidamente se torna amigo do guitarrista da banda e de sua namorada. Essas amizades vão se solidificando, e então o jovem começa a ter seu trabalho dificultado, não sabendo ao certo o que deve ou não publicar, o que o leva a uma situação complicada. A princípio, se recusa a publicar coisas que comprometam a imagem da banda e de seus integrantes. Por outro lado, é pressionado pelo editor da “Rolling Stone” para concluir seu serviço, sabendo muito bem que as intenções da revista são os fatos polêmicos e inusitados, justamente o que a banda preferia manter em sigilo.

Em dado momento do filme, o jovem é instruído de que fará amizades falsas, pois os membros da banda serão amistosos e lhe o agradecerão, para que assim ele publique coisas que engrandecem a imagem da banda, passando uma impressão hiper-positiva da mesma. Em alguns momentos, o jovem se depara com atitudes hostis por parte de pessoas do grupo, que o veem como alguém que está ali para lucrar por meio das particularidades da banda e da vida pessoal de seus integrantes, sendo chamado de “inimigo”. Essa rejeição, que a imprensa sofre em muitos casos, vem do fato de a mesma ter pleno controle sobre a vida de quem bem entender, podendo sua ação representar a ascensão e queda de qualquer pessoa. A imprensa tem o poder de limpar a imagem de culpados e de injustiçar inocentes, como ocorreu no “Caso Escola Base” de 1994, quando alguns cidadãos inocentes, donos de uma escola em São Paulo, foram acusados de pedofilia e depois absolvidos. Porém, sua honra já estava maculada e sua vida transformada (RIBEIRO, 1995). Independente dessa imparcialidade de que todo profissional precisa, ele deve

sempre levar em conta questões éticas e morais, jamais colocando em risco a integridade de outras pessoas com suas atitudes.

Tomando consciência desse tipo de situação, percebemos a importância da ética. Tradicionalmente entendida como um estudo ou reflexão científica, filosófica ou até teológica sobre os costumes humanos, também consideramos a ética como conjuntos de costumes considerados corretos para a sociedade (VALLS, 2003).

O diretor Cameron Crowe, valendo-se de seus conhecimentos cinematográficos, preocupou-se em explorar o uso da música (elemento fundamental na linguagem do cinema na atualidade) para contextualizar melhor a época em que o filme se passa.

O objetivo do presente trabalho é deliberar a respeito do dilema da impessoalidade e ética no jornalismo. Pretende-se analisar até que ponto alguém pode se envolver sentimentalmente na execução de sua função. Especificamente, o artigo utiliza como exemplo essa situação do filme “Quase Famosos”, que trata de um repórter que fez amizade com algumas pessoas da banda que estava cobrindo.

Assim, o artigo irá discutir esse dilema no filme, de forma a retratar o papel do jornalista no mesmo. O trabalho será desenvolvido por meio de uma análise qualitativa de dados e da decupagem de cenas onde este conflito de ideias (parcialidade e imparcialidade no jornalismo) possa ser demonstrado, sendo que receberá o embasamento teórico de livros de psicologia, cinema, música, ética, teorias da comunicação e jornalismo.

## QUASE FAMOSOS: UMA ANÁLISE DA IMPESSOALIDADE NO JORNALISMO

Todo profissional precisa saber em que ponto deve parar de se envolver pessoalmente com sua função, mas obviamente não é fácil encontrar esse limite. Baseado nesse ponto de vista, o presente artigo visa a propor uma reflexão a respeito da temática do filme “Quase Famosos”(Almost Famous, 2000), que aborda a ética profissional no jornalismo, mais especificamente na profissão de repórter.

Analisando a questão a partir de um ponto de vista psicológico, podemos compreender o que leva as pessoas a terem esse tipo de problema em suas profissões. O homem é feito de instinto, razão e emoção. Na antiguidade clássica, Sócrates (469-399 A.C) buscava o limite que fazia a distinção entre o homem e o animal. Então, chegou à conclusão de que a essência do ser humano é a razão. Sócrates defendia a tese de que a razão permitia ao homem controlar os seus

instintos, que são a base do comportamento irracional, sendo assim a razão a principal característica do ser humano (BAHIA BOCK; FURTADO, 1999).

O austríaco Sigmund Freud (1856-1939 D.C), considerado o pai da psicanálise, além de ter sido pioneiro no estudo do inconsciente, quebrou o paradigma de que a psicologia era somente um estudo científico da razão humana, resgatando a importância do estudo da vida afetiva do ser humano. Hoje é sabido que é o nosso afetivo que determina as condutas, pois ele é parte de nosso aspecto subjetivo e a chave de todas as nossas expressões (BAHIA BOCK; FURTADO, 1999).

“Os afetos podem ser produzidos fora do indivíduo, isto é, a partir de um estímulo externo, do meio físico ou social, ao qual se atribui um significado com tonalidade afetiva: agradável ou desagradável, por exemplo. A origem dos afetos pode também nascer, surgir do interior do indivíduo” (BAHIA BOCK; FURTADO, 1999, p.191).

Ao estudarmos a vida afetiva, precisamos fazer a distinção entre dois termos: emoção e sentimento. “A emoção: estado agudo e transitório. Exemplo: a ira. O sentimento: estado mais atenuado e durável. Exemplo: a gratidão, a lealdade.” (BAHIA BOCK; FURTADO, 1999, p.191).

Os instintos cuidam de nossas necessidades físicas humanas. O aspecto afetivo se encarrega de nossa vida social, sentimental e emocional. Já a razão também se encarrega de nossa vida em sociedade, mas rege os nossos aspectos intelectual e profissional (BAHIA BOCK; FURTADO, 1999). Nenhum desses componentes é mais ou menos importante do que o outro e cada pessoa os administra de forma diferente. O ideal é sempre tentar equilibrar os três, pois cada um deles tem uma função essencial em nossas vidas.

O aspecto profissional é sempre imediatamente ligado à razão. O filme em questão trata da profissão de jornalista, mais especificamente da figura do repórter.

O jornalismo como conhecemos hoje teve seu surgimento no século XIX, inaugurando a democratização da informação. Seu objetivo foi estabelecido como fornecer informação e não propaganda. Com isso, surgiu a noticiabilidade, que são critérios que julgam a relevância de um fato para ser noticiado. Também surgiu nessa época o romantizado ofício de repórter, em consequência do emergente poder da imprensa (TRAQUINA, 2005).

Entretanto, é necessário reconhecer que a função do jornalismo não se resume somente a informar, sendo essencialmente uma atividade intelectual, pois seus produtos estimulam as pessoas a formarem opinião. Além disso, o jornalismo é uma atividade bastante criativa, que inova vocabulários e proporciona a construção do mundo em notícias. Porém, é influenciado e

limitado pela ação do tempo e dos diversos fenômenos de manipulação de informação (TRAQUINA, 2005).

Os jornalistas são servidores do público (public servants) oficiosos cujo propósito é servir a comunidade. O sentido de responsabilidade com a comunidade, a lealdade para com o público enquanto cliente acima de todas as outras lealdades é a principal exigência do jornalismo no seu trabalho. O serviço público, de fato, acaba por ser uma das motivações essenciais dos jovens que procuram um futuro no jornalismo (KIMBALL. *apud* TRAQUINA, 1963, p. 120).

Hoje, no mundo globalizado, tudo é regido por informação. Isso confere aos “produtores de informação” um enorme poder. Não é de se estranhar que a imprensa já recebeu a alcunha de “quarto poder”.

Devido ao seu poder e influência, já se acreditou que os três poderes eram subalternos à imprensa, que até foi chamada por alguns de “primeiro poder”. Um comentarista anônimo britânico chegou a afirmar que o jornalismo era “um poder de reino, mais poderoso que qualquer um dos outros poderes” (TRAQUINA, 2005).

A partir do ponto de vista ético, o repórter precisa ser um profissional altamente cauteloso, visto que tem em suas mãos a reputação e a imagem social de qualquer um e que sua ação pode representar tanto a elevação quanto o rebaixamento de uma pessoa ao olhar de toda a sociedade.

Essa é a razão da importância da ética no jornalismo, pois é evidente que a sociedade é moldada por informação. Um profissional antiético da área da reportagem pode trazer consequências catastróficas para a vida de uma ou milhares de pessoas inocentes. A imprensa sensacionalista se desenvolveu baseada em modelos não éticos, pois sua prioridade era importar-se somente com o incrível, fantástico e extraordinário (TRAVANCAS, 1993).

Porém, a preocupação com ética sempre será uma escolha de cada profissional e uma consequência de seu caráter. Um profissional ético jamais colocará em risco a honra e a integridade de inocentes, enquanto um profissional mesquinho, egocêntrico, carente de escrúpulos ou até mesmo displicente, ao exercer seu ofício, não se preocupará com o fato de que poderá prejudicar ou não a vida de inocentes e sempre se importará somente com seu próprio benefício.

Diversas pessoas ditas “inocentes” já tiveram suas dignidades destruídas por falhas da imprensa. Um dos casos mais célebres se deu em São Paulo, no ano de 1994, sendo conhecido como o “Caso da Escola Base”. Os donos de uma escola e mais dois casais foram injustamente acusados de pedofilia. O palco do crime era a própria escola, e as acusações foram feitas

baseando-se em laudos médicos e depoimentos de pais e de outras pessoas. A imprensa disseminou o caso, e os infelizes acusados passaram a ser alvo do ódio e da indignação da população. Apesar de terem sido julgados e absolvidos, os inocentes tiveram maculadas sua moral e dignidade perante a sociedade e, por muito tempo, sofreram diversas agressões por parte de populares, chegando a ter suas residências depredadas (RIBEIRO, 1995).

Nesse caso, a imprensa condenou a imagem de inocentes. Mas, por outro lado, ela pode vir a agir com justiça, conferindo reputações adequadas às pessoas que julga, como quando trata de difundir alguma benfeitoria de uma pessoa aleatória ou famosa, como também quando destrói a imagem de um criminoso responsável por alguma atrocidade.

Ao abordarmos a ética no exercício da profissão de jornalista, precisamos nos questionar sobre para quem o profissional deve dar satisfação, seja à empresa, à notícia, ao leitor ou aos seus próprios princípios morais. A resposta é que o valor deve ser atribuído à notícia por estarmos abordando a situação a partir do ponto de vista da ética. Satisfazendo o lucro da empresa ou dando às pessoas o que elas querem ler, ouvir ou a que querem assistir, o profissional poderá distorcer ou omitir fatos, visando a resultados e benefícios próprios. Muitas vezes, para se manter estável no exercício de sua profissão, um jornalista deve abrir mão de seus princípios individuais.

A conduta de um profissional do jornalismo será muito influenciada pelo ambiente em que o mesmo trabalha e pelo seu público. Porém, seus princípios e as características de sua personalidade serão sua principal influência. Um profissional do jornalismo poderá ser considerado bem situado se os seus princípios morais forem compatíveis com a política editorial da empresa para que trabalha ou às características de seu público leitor, ouvinte ou telespectador. Caso contrário, o profissional terá sérias dificuldades. “Um repórter que se utiliza de sua função para obter informações sigilosas em troca de privilégios será tanto punido pela empresa quanto criticado pelos colegas” (TRAVANCAS, 1993, p. 93). É natural que um profissional pouco simpático à ética não seja muito feliz trabalhando em uma empresa que tem tanto sua direção quanto a maioria de seus funcionários preocupados com a ética, assim como a recíproca vale.

Não existe nenhuma regulamentação ou código de ética escrito para o exercício da profissão de jornalista, como acontece em relação à medicina.

Segundo os jovens jornalistas, a noção de ética, está ligada a ideia de um código com regras determinadas para o exercício da profissão. Entretanto, para a grande maioria, este código é muito subjetivo, variando de pessoa para pessoa, e se baseia muito mais na consciência de cada um do que em normas preestabelecidas. Alguns comentam que diversas empresas tem seus próprios critérios, mas poucos os consideram como um verdadeiro código de ética. Tais critérios expressam apenas a filosofia e a forma de atuação da empresa (TRAVANCAS, 199, p. 93).

A ética possui uma controversa, abrangente e diversificada definição. É mais comum considerá-la como uma área da filosofia que faz reflexões acerca dos problemas fundamentais da moral, como a natureza do bem e do mal e o sentido da vida humana (TRAVANCAS, 1993).

Apesar de tudo, todos temos uma tendência natural de relacionar a ética com a distinção entre o bem e o mal. É nisso que consiste a polêmica do assunto, pois cada indivíduo tem um conceito próprio do que é bem e do que é mal. Cada ser humano tem sua razão e procura fazer o que julga correto. A ética está relacionada ao conceito de liberdade individual, levando em conta as diferenças individuais de cada pessoa. Por isso a ética também leva em conta a famosa tese do filósofo inglês Herbert Spencer, que defende que a liberdade de um termina quando começa a do próximo, ou seja, as razões de cada pessoa se chocarão com frequência, mas nesse antagonismo deve-se pensar em um consenso que traga a justiça.

Os conceitos de ética são debatidos desde a antiguidade clássica. Platão acreditava que a ética consistia na busca pelo conhecimento e em fazer o bem. Seu discípulo, Aristóteles, acreditava que ser ético era viver uma vida virtuosa (equilibrada) e buscar a razão e as virtudes intelectuais. Houve diversas correntes de pensamentos defendendo diferentes teses acerca da ética, que já chegou a assumir conotação religiosa, com o aparecimento de religiões poderosas e influentes, como o cristianismo, o judaísmo e o islamismo, que intervinham bastante na conduta das pessoas perante a vida no mundo. Para as pessoas que viviam sobre as doutrinas dessas religiões, a ética estava intimamente ligada ao ato de “fazer a vontade de Deus”. Com o passar dos séculos, grandes revoluções culturais, como o Renascimento e o Iluminismo, resgataram valores e conceitos da antiguidade clássica e os usaram para quebrar paradigmas religiosos. Assim, o estudo humano passou a ser prioridade e a ética voltou a ser vinculada à busca por uma vida feliz, harmoniosa, em que a liberdade individual é o que há de mais precioso (VALLS, 2003). O pensador iluminista Immanuel Kant foi um dos pioneiros em relacionar a ética com a busca pela liberdade individual. “O homem racional, autônomo, auto-determinado, aquele que age segundo a razão e a liberdade, eis o critério da moralidade” (VALLS, 2003, p. 45).

Dessa forma, pode-se deliberar a respeito da ética profissional em filmes conhecidos pela cultura popular. O filme “Quase Famosos” (Almost Famous), de 2000, dirigido por Cameron Crowe, aborda especialmente situações que colocam a ética à prova no exercício da profissão de jornalista. O jornalismo impresso foi escolhido para representar a área do jornalismo trabalhada no filme, e a profissão de repórter foi usada para exemplificar as situações.

O filme “Quase Famosos” aborda, de forma clara, os desafios que um jornalista deve enfrentar quando se vê cara a cara com uma situação em que deve controlar seus sentimentos pessoais e cumprir a sua missão de forma racional, prática e profissional. O presente artigo visa a discutir tal dilema no filme “Quase Famosos”.

O filme é ambientado na década de 70, época em que muitas daquelas que são consideradas as maiores bandas de rock’n roll do mundo estavam em seu auge. É claro que a imprensa era responsável pela superexposição de todas essas bandas através da mídia, tornando seus nomes mundialmente famosos.

Mais especificamente, o filme se passa no ano de 1973 e conta a experiência de Willian Miller (interpretado pelo ator Patrick Fugit). Willian é um jovem que cresceu fascinado por música em uma família de classe média da Califórnia. Foi criado pela mãe e pela irmã. Sua mãe o tratava, assim como à irmã, de forma excessivamente protetora, o que levou esta, ainda adolescente, a sair de casa. Porém, ao fazê-lo, a irmã lhe deixou de presente uma coleção de vinis de rock’n roll clássico. Por isso, o jovem cresceu fascinado pela música.

O filme retrata o período em que Willian tinha 15 anos e escrevia sobre rock’n roll para uma pequena revista local. Nessa época, seu trabalho acaba sendo descoberto pela revista Rolling Stone (célebre revista norte-americana dedicada à música, política e cultura popular), que acaba o contratando. Então, o jovem é enviado para cobrir a turnê da banda emergente e fictícia, Stillwater. Antes de ir, é instruído de que fará amizades falsas, que tentarão corrompê-lo sobre o que deverá ou não publicar. Por isso, Willian precisaria ser honesto e imparcial ao máximo. Porém, logo ao entrar em contato com a banda, Willian se torna amigo do guitarrista, Russell Hammond (interpretado pelo ator Billy Crudup) e de sua namorada Penny Lane (interpretada pela atriz Kate Hudson). Assim os problemas começam a aparecer, pois as novas amizades de Willian passam a interferir no exercício de sua profissão recém-adquirida. O jovem tem seu trabalho dificultado, pois não sabe ao certo o que deve ou não publicar, se vendo em um dilema em que terá de decidir entre carreira e amizade. A situação se agrava quando o relacionamento entre os integrantes da banda começa a ficar tenso e Willian é cada vez mais cobrado pelo editor da Rolling Stone para concluir seu serviço. O rapaz sabe muito bem que fatos inusitados, polêmicos e até imorais, são exatamente o que a revista gostaria de publicar e acaba se vendo em uma situação complicada que pode acontecer com qualquer profissional do jornalismo.

## “ELE NÃO ERA GENTE, ERA JORNALISTA!”

A representação do jornalista no filme é passível de várias interpretações, apesar de um tanto estereotipada. Em dado momento do filme, o jornalista é mostrado como um profissional insano e displicente, como pode ser visto em uma cena em que um radialista, ao entrevistar a banda, acaba cochilando pesadamente durante praticamente toda a entrevista, com um cigarro de maconha entre os dedos.

Por outro lado, o jornalista também é representado como um profissional maltratado e muito pouco querido pelas personalidades famosas, neste caso, os artistas musicais. Em vários momentos do filme, enquanto Willian excursionava com a banda, alguns dos integrantes da mesma se referiam a ele como “o inimigo”. Em seu primeiro encontro com a banda, Willian a princípio é tratado de forma hostil. Foi chamado pela primeira vez de “o inimigo” e quase agredido fisicamente pelo produtor da banda. O guitarrista Russell, que mais tarde se tornaria seu grande amigo, diz: “nós tocamos para os fãs e não para a crítica”<sup>3</sup>.

Em outro momento do filme, notamos a presença de um personagem verídico: o crítico musical Lester Bangs. Interpretado pelo ator Philip Seymour Hoffman, o falecido Lester Bangs foi um dos mais prestigiados e proeminentes críticos musicais da década de 70. No filme, Bangs também é retratado como alguém insano e extravagante, porém, altamente idealista e realizado com o que faz, como pode ser percebido por seu senso crítico e conversação expressiva.

O californiano Lester Bangs (nascido Leslie Conway Bangs, em 1949), além de crítico musical, foi escritor e músico. Iniciou sua carreira no final da década de 60, trabalhando em veículos impressos como a Rolling Stone e a Creem Magazine, alguns dos principais expoentes da contracultura americana na época. Tornou-se famoso pelo seu estilo de crítica altamente audaz e descritivo, sendo aceito pela Rolling Stone em 1969, quando enviou um texto criticando de forma ácida o álbum “Kick out The Jams” da banda MC5. Acabou expulso da Rolling Stone em 1973 e passou a editar a Creem Magazine, vindo a escrever mais tarde para outros veículos impressos. Lester Bangs foi o autor do livro “Reações Psicóticas” e sempre demonstrou uma nítida admiração pelo artista e músico Lou Reed. Faleceu em 1982 em consequência de uma overdose, sendo considerado até hoje como o maior crítico musical de todos os tempos, como afirma o artigo de Felipe Araujo sobre sua biografia no site “Infoescola”.

No Brasil, existe a figura do crítico Nelson Mota, frequentemente comparado a Lester Bangs. O produtor e crítico Nelson Mota é uma das figuras mais influentes no cenário musical

---

<sup>3</sup> Extraído do filme “Quase Famosos” (Cameron Crowe, 2000), aos 0:20:48 minutos.

brasileiro, atuando no mesmo desde a década de 60. Nelson já foi jornalista, roteirista, escritor e compositor, participou de diversos festivais e lançou artistas como Marisa Monte, além de produzir álbuns de nomes como Lulu Santos, Gal Costa e Ed Motta, segundo afirma sua biografia constada no site “Produção Cultural”.

No filme, deixa-se claro que muitos músicos teriam interesse na imprensa. Ressalta-se que os músicos podem vir a corromper os jornalistas, para que os mesmos não façam publicações indesejadas, que destruam a imagem da banda. Pelo contrário, que publiquem aquilo que só engrandeça a imagem dos músicos perante a população. No filme, Lester Bangs faz amizade com Willian, tornando-se uma espécie de tutor do jovem. Com absoluta seriedade, Bangs instrui Willian no sentido de ser “honesto e impiedoso”. Seria honesto ao sempre resistir às ofertas e artimanhas dos integrantes das bandas e manter sua linha de conduta quanto à execução de sua função. O termo impiedoso foi usado no sentido de que amizade e profissão não devem se misturar e que um repórter deveria reprimir seus sentimentos, publicar e registrar tudo o que vê, independente de gostar de alguém da banda ou não, de forma que seu profissionalismo nunca fosse corrompido e sua linha racional, mantida.

Ao fim do filme, no momento do clímax, Bangs e Willian conversam sobre os últimos acontecimentos, sendo que o crítico assume um ar de lamento ao perceber que o jovem tinha se tornado amigo de integrantes da banda, como se tivesse a certeza de que Willian estava sendo usado. O conceito de imparcialidade no jornalismo e de não envolvimento do repórter para com suas fontes se tornou o ponto chave do filme.

Dentre as diversas subdivisões da profissão de jornalista, a de repórter é provavelmente a mais célebre. O repórter é o profissional que “vai para a rua”, onde tudo acontece, para apurar informações, trazendo os fatos para a redação ao retornar, para assim redigir o que logo se tornará a notícia, baseada nos dados coletados. Por seu comprometimento com a arte de informar, a atividade dos repórteres é indispensável para o bom funcionamento de um veículo de comunicação, apesar de esses profissionais estarem postos na base da hierarquia do jornalismo (KOTSCHO, 2004).

O editor da Rolling Stone sempre cobrava Willian por telefone, ansioso por novidades da cobertura da turnê da banda. Por ser uma revista de grande porte, a Rolling Stone assumiu uma vocação comercial que só aumentou ao longo dos anos. Bangs, no filme, parece levar em conta esse ponto de vista quando diz para Willian: “Vão alterar o seu texto, reescrever,

transformar em lavagem. Mercadores de lavagem”<sup>4</sup>. Fato que se comprova quando o editor instrui Willian sobre a matéria da turnê do Stillwater: “Pode ser que vire capa, mas não conte ao grupo”.

Em “Quase Famosos”, esses fatos comprovam os motivos da rejeição que o jornalista sofre pelos músicos no filme. É visto como alguém que engana os artistas, que quer tirar proveito profissional às custas de crises internas dos grupos e instabilidade de seus integrantes e que deseja usar do sensacionalismo para ganhar dinheiro com suas coberturas. Em outras palavras, o jornalista é visto pelos artistas como gente oportunista e maldosa. O vocalista Jeff Bebe (interpretado pelo ator Jason Lee) nunca se mostrou muito simpático à presença do jovem Willian junto à banda, mostrando-se arredio e desconfiado em relação a ele. Em uma discussão com o guitarrista Russell Hammond sobre o jovem repórter, Jeff chega a afirmar pejorativamente: “ele não era gente, era jornalista!”<sup>5</sup>. São abordadas, no filme, regras que o jornalista teoricamente é obrigado a seguir, sendo a impessoalidade a mais destacada.

Há outro personagem do filme representando uma figura real: o editor da Rolling Stone, Ben Fong-Torres, que trabalhou na revista durante os anos 70. Foi Ben que contratou o jovem Willian e que, durante a cobertura da turnê do Stillwater, ligava para cobrar as novidades. O verdadeiro Ben Fong-Torres é um jornalista de ascendência filipina nascido na Califórnia, que passou a trabalhar na revista Rolling Stone na década de 60 entrevistando nomes de peso, como Bob Dylan, Rolling Stones, entre outros, conforme consta em sua bibliografia postada em seu próprio site oficial. Acabou se tornando editor chefe da revista, onde trabalhou até 1982.

O filme é semi-autobiográfico. Segundo Isabela Boscov, em seu artigo da revista *Veja* a respeito do filme na edição de março de 2001, o diretor Cameron Crowe se inspirou em seu próprio passado para construir a história do filme. Em sua juventude, Crowe conseguiu ser aceito como repórter na revista Rolling Stones e chegou viajar em turnês de bandas célebres, como Led Zeppelin, The Who Lynyrd Skynyrd, Allman Brothers Band e Eagles. Crowe era um fã ardoroso dessas bandas e acabou amigo de seus integrantes. Assim, Crowe percebeu como isso dificultava seu trabalho, tirando dessa experiência o dilema exposto no filme. A personagem Penny Lane foi inspirada em uma antiga paixão que Crowe teve quando adolescente. O repórter tinha quinze anos quando viajou com o Led Zeppelin.

De acordo com o artigo de Isabela Boscov, publicado na revista *Veja*, ao elaborar a banda fictícia Stillwater, Crowe se inspirou em três bandas que acompanhou em turnê: Led

---

<sup>4</sup> Extraído do filme “Quase Famosos” (Cameron Crowe, 2000), aos 0:35:17 minutos.

<sup>5</sup> Extraído do filme “Quase Famosos” (Cameron Crowe, 2000), aos 1:41:45 minutos.

Zeppelin, Lynyrd Skynyrd e Allman Brothers Band. Viajando com as bandas, acabou tendo acesso ao lado íntimo delas, chegando a presenciar crises internas e tensões entre seus integrantes. A cena em que o guitarrista Russell Hammond, sob o efeito de algum ácido, diz ser um “Deus dourado” e pula de um telhado para dentro de uma piscina foi inspirada em um evento semelhante acontecido com Robert Plant, vocalista do Led Zeppelin. A famosa cena do avião em turbulência, presente no clímax do filme, foi inspirada em um acontecimento semelhante com a banda The Who. Os integrantes da banda, juntamente com alguns amigos, namoradas, o produtor e o próprio Willian, se veem à beira da morte em consequência de um acidente aéreo. Por isso, todos confessam suas falhas, gerando um momento tenso e reflexivo. O avião sobrevive à turbulência e os riscos acabam, porém, o clima desagradável perdura.

Dessa forma, o filme é uma mistura das situações que Crowe viveu entre as bandas na década de 70, sendo o personagem Willian Miller, o alter ego de Crowe, que diz ter encontrado no ator Patrick Fugit o personagem ideal para representá-lo em sua juventude, como alguém curioso e deslumbrado, conforme afirma o artigo do site “Terra Cinema”. Crowe buscava elaborar uma história que trouxesse uma retratação de sua vivência como repórter da Rolling Stone, fazendo entrevistas e indo a shows. A própria mãe de Crowe, ao assistir o filme, confirmou que o mesmo se tratava de uma obra autobiográfica de seu filho, vindo a dizer que até a cena em que mãe de Willian o envergonha na frente de outros jovens, gritando para o filho não fazer uso de drogas, realmente aconteceu no passado, de acordo com o artigo da revista *Veja*.

#### CONTEXTUALIZANDO O FILME: OS ANOS 70

O filme é ambientado na década de 70, considerada uma das mais revolucionárias do século XX em todos os sentidos. Segundo fatos retirados do site “Sua Pesquisa”, percebe-se uma grande revolução tecnológica, sendo alguns dos avanços: a missão espacial “Viking I” explora Marte pela primeira vez, são lançados o primeiro videogame e o primeiro microprocessador do mundo, e a televisão em cores torna-se popular. A partir do ponto de vista político e social, notamos diversos golpes militares e revoluções (como no Chile, no Irã e em Portugal) e algumas guerras civis (como no Líbano). Os EUA são definitivamente derrotados na guerra do Vietnã, em 1975, e, quatro anos depois, o presidente Richard Nixon renuncia à presidência após o escândalo de Watergate. No Brasil, os militares permanecem no poder sob um regime nacionalista e de extrema direita, sendo marcado pelo mandado do general Ernesto Geisel, iniciado em 1974. O Brasil viveu nesses anos a fase do “milagre econômico”. Nessa década,

houve a crise mundial da OPEP, responsável por aumentar em mais de 300% o preço dos barris de petróleo.

Em uma relação mais estreita com o filme, a década de 70 é considerada uma das mais ricas e essenciais da história do rock'n roll, pois, nessa época, muitas das que são consideradas as bandas de rock mais importantes de todos os tempos se desenvolveram. O rock progressivo<sup>6</sup> teve como principais expoentes: Pink Floyd, Genesis, Yes, King Crimson, e Emerson, Lake and Palmer. No hard rock e no heavy metal<sup>7</sup>, destacaram-se: Led Zeppelin, Deep Purple, Black Sabbath, Kiss e AC/DC. Ao final da década, houve a explosão do punk rock<sup>8</sup>, que teve entre seus principais nomes: Ramones, The Clash e Sex Pistols. Nomes como Lou Reed, David Bowie, Eric Clapton, Carlos Santana e Elton John, também se tornaram ícones da década (VINIL, 2008).

Porém, houve diversas perdas irreparáveis para o mundo da música na década. Em 1970, faleceram Jimmy Hendrix e Janis Joplin, dois dos maiores ícones do rock'n roll de todos os tempos. Esse ano também foi marcado pelo fim dos Beatles. Em 1971, Jim Morrison, vocalista do The Doors e outro grande ícone da música, veio a falecer. Em 1977, um trágico acidente aéreo tirou a vida de vários integrantes da banda Lynyrd Skynyrd. No mesmo ano, faleceu Elvis Presley (VINIL, 2008).

A obra de Cameron Crowe, por ambientar a década de 70, retrata fielmente aspectos culturais da época, como a moda e principalmente a música (obviamente por se tratar de um filme que diz respeito a uma banda característica da época). A moda é levada a sério em um filme, pois todo cineasta deve ter plena consciência de que a imagem é o elemento base na linguagem cinematográfica, agindo como uma reprodução do real feita para afetar sentimentos e assumir algum significado. No cinema, a música exerce um forte papel dramático, pois intervém como um contraponto psicológico para ajudar o telespectador a compreender a tonalidade humana de determinado episódio do filme (MARTIN, 1990). O cinema cria imagens com existências autônomas e as registra e conserva, tendo o poder de dar vida a seus produtos, até mesmo àqueles que o tempo já distanciou de nossa prática cotidiana (SENRA, 1997).

Diversas partes do filme apresentam questões interessantes a serem analisadas, que muitas vezes passam despercebidas pela maioria dos telespectadores. Um exemplo disso é uma conversa via telefone entre o jovem Willian e o editor Ben Fong-Torres, em que a figura do famoso jornalista Hunter Thompson é citada. Willian havia acabado de perder a virgindade,

---

<sup>6</sup> Variação do rock na qual os músicos abusavam e exploravam ao máximo sua virtuosidade com os instrumentos provocando músicas extensas e lisérgicas.

<sup>7</sup> Variações "irmãs" do rock na qual sons mais pesados e técnicos de guitarra eram explorados.

<sup>8</sup> Variação do rock altamente simples, agressiva, de compasso acelerado e que prezava mais a atitude de seus membros do que a virtuosidade.

estando dormindo com três meninas em um quarto no começo de uma manhã, quando Ben Fong-Torres telefona para saber notícias sobre o andamento da cobertura. Um murmúrio de mulher denuncia a situação constrangedora, o que acaba deixando o editor indignado e faz com que comece a censurar Willian. Ben diz que ambos são profissionais e que não precisava chamar atenção dele: “Você não está aí para cair na gandaia, já temos um Hunter Thompson. Você está aí para fazer entrevistas e escrever, ouviu?”<sup>9</sup>.

Hunter Thompson nasceu em 1937, sendo creditado como o pai do “jornalismo gonzo”, estilo jornalístico alternativo e inusitado, que tem como características ser subjetivo e empírico, de forma que o jornalista pode ignorar sua tradicional objetividade e interferir livremente no curso dos acontecimentos que está narrando. Assim, a vivência adquirida na experiência poderá auxiliar o jornalista no desenvolvimento da matéria. Seu estilo de vida desregrado e autodestrutivo, regado ao alto consumo de álcool e drogas pesadas, assim como seu problemático histórico familiar, influenciou no desenvolvimento desse estilo jornalístico (do qual Lester Bangs também era adepto). Hunter Thompson foi o autor do livro “Medo e delírio em Las Vegas: uma jornada selvagem ao coração do sonho americano” e veio a falecer em 2005, sendo considerado até hoje como um dos jornalistas mais ousados de todos os tempos (CZARNOBAI, 2003).

Para o Gonzo jornalista é permitido o uso de personagens e situações que nunca existiram, se isso contribuir para aumentar o nível de informações dispensado ao leitor e conferir maior dramaticidade à cena que está sendo descrita. É importante também que a diferença entre ficção e realidade não seja jamais explicitada (CZARNOBAI, 2003, p. 38).

O filme é focado no relacionamento entre os três personagens principais: o repórter Willian, o guitarrista Russel Hammond e a namorada Penny Lane do músico. Willian tinha um amor platônico por Penny Lane, que amava Russel, que por sua vez não a amava tanto assim. Russel já tinha uma namorada e demonstrou não se importar tanto com Penny Lane quando permitiu que a mesma, que acompanhava a banda admirando-a autenticamente, fosse vendida à banda Humble Pie em troca de algumas caixas de cerveja. O fato chocou Willian, que acabou comunicando a Penny Lane o ocorrido. No clímax do filme, quando o avião estava em turbulência e os integrantes acreditaram que estavam à beira da morte e começaram a “lavar a roupa suja”, Willian defendeu vigorosamente Penny Lane, dizendo que ela realmente amava a banda e ninguém demonstrou o mínimo de gratidão e respeito por ela. Esse foi o fato que mais

---

<sup>9</sup> Extraído do filme “Quase Famosos” (Cameron Crowe, 2000), aos 1:04:38 minutos.

comprovou o afastamento de Willian de sua verdadeira função, que segundo Ben Fong-Torres, era “fazer entrevistas e escrever”<sup>10</sup>.

Willian era fã da banda Stillwater e quando se viu no meio de seus ídolos, apesar de lutar contra, não resistiu a sua grande vontade de ser parte do universo da banda, ou seja, um amigo. A amizade com Russel e Penny Lane desestabilizou totalmente seu trabalho, que por pouco não arruinou sua carreira na Rolling Stone.

Em partes do filme, o guitarrista Russel chega a dizer coisas a Willian como “não ponha isso na Rolling Stone”. Curioso notar que Russel estimulou a aproximação de Willian como um amigo, apesar de reconhecer que a presença do mesmo poderia ser nociva à imagem da banda, como ficou claro quando disse a Willian: “Alguns fatos só devem ser conhecidos por alguns, e não por 10 milhões de pessoas”<sup>11</sup>, e também ao dizer que Willian era perigoso, pois via tudo. Em outro momento do filme, Russel, ignorando o fato de Willian representar a imprensa, diz a ele: “Estou contando segredos para ao único que não deveria contar! Nós confiamos em você”<sup>12</sup>.

Por outro lado, notamos a figura do vocalista Jeff Bebe, personagem idealista, porém ciumento. Bebe vive uma complicada relação com Russel, alegando que o mesmo se comportava como se fosse o líder da banda e o centro das atenções. O conflito entre os dois personagens é inspirado em choques de ego presentes em bandas famosas, como o caso do guitarrista Jimmy Page e do vocalista Robert Plant no Led Zeppelin segundo o artigo da *Veja* de Isabela Boscov.

O vocalista demonstra uma linha de pensamento mais racional que a de Russel, no que diz respeito à atividade da imprensa. Em dado momento do filme, Bebe se refere a Rolling Stone como a revista que “falou mal de Layla<sup>13</sup>, fez o Cream<sup>14</sup> acabar, e arrasou com todos os álbuns do Led Zeppelin”<sup>15</sup>. Bebe também sempre tentava prevenir Russel sobre sua amizade com o jovem Willian, chegando até a se referir ao mesmo por termos baixos e pejorativos e dizendo frases como: “Não esqueça a regra: ele é o inimigo. Ele escreve o que vê”<sup>16</sup>.

Porém, em certo momento do filme, Bebe demonstra interesse na atividade de Willian, principalmente por conhecer o fato de que algo que Willian publicasse poderia aumentar positivamente a fama da banda. Bebe chega a dizer que seria “legal” o Stillwater aparecer na capa da Rolling Stone e, quando isso vem de fato a acontecer, não só Bebe como toda a banda

<sup>10</sup> Extraído do filme “Quase Famosos” (Cameron Crowe, 2000), aos 01:04:48 minutos.

<sup>11</sup> Extraído do filme “Quase Famosos” (Cameron Crowe, 2000), aos 0:41:43 minutos.

<sup>12</sup> Extraído do filme “Quase Famosos” (Cameron Crowe, 2000), aos 0:42:17 minutos.

<sup>13</sup> Célebre canção da autoria de Eric Clapton, lançada em 1970.

<sup>14</sup> Super-grupo de blues e rock britânico, formado na década de 60 por nomes de peso como Eric Clapton, Jack Bruce e Ginger Baker.

<sup>15</sup> Extraído do filme “Quase Famosos” (Cameron Crowe, 2000), aos 0:38:14 minutos.

<sup>16</sup> Extraído do filme “Quase Famosos” (Cameron Crowe, 2000), aos 0:38:20 minutos.

demonstram grande felicidade. Isso leva à conclusão de que mesmo que um artista demonstre ódio e repulsa à imprensa, ele sempre acaba reconhecendo que a mesma pode lhe trazer muitos benefícios.

Voltando à relação entre Willian e Russel, podemos perceber que Willian, apesar de ser um fã ardoroso e entusiasmado do cenário musical da década de 70, lutou para manter o seu profissionalismo. Willian se esforçou em cumprir a sua tarefa e em não se envolver pessoalmente com os membros da banda. Em sua primeira entrevista com Russel, por insistência do mesmo, os dois acabam tendo uma conversa pessoal e adiando a entrevista para outro dia. Em outra ocasião, quando Willian tenta entrevistar Russel seriamente, Russel se surpreende e diz: “Quando você se tornou tão profissional?”<sup>17</sup>. Em outro momento do filme, Penny Lane pede a Willian sua opinião sobre Russel. Willian responde de forma levemente constrangida: “Eu gosto dele. Mas fique entre nós, porque sou um profissional”<sup>18</sup>.

Ao final do filme, Willian cede à influência de sua relação de amizade com Russel e, ao finalizar seu texto, acaba ocultando maior parte do que viu em suas viagens com a banda. Porém, ao apresentar o texto a Rolling Stone, os editores da mesma o censuram de forma severa e indignada, afirmando que seu texto dava a entender que registrou o que a banda queria que fosse registrado, além de ter usado alguns termos considerados inconvenientes como “mulherada”. Aos olhos da Rolling Stone, o trabalho de Willian beirava o absurdo, por não seguir normas tradicionais como a impessoalidade, objetividade, além dos preceitos éticos de ser “honesto e impiedoso” ensinados por Bangs. No trabalho de Willian, houve quebra de regras e intervenções do mesmo no objeto de seu trabalho.

Cedendo à pressão dos editores e da ética profissional, Willian acaba publicando a verdade, e seu texto é altamente elogiado por Ben Fong-Torres e pelos outros editores.

Porém, a publicação da verdade deixa a banda enfurecida. O vocalista Jeff Bebe esbraveja, dizendo que a banda será vista no mundo como um grupo de invejosos, briguentos e desunidos. Foi Russel que a princípio autorizou Willian a publicar tudo o que viu, mas cedendo à pressão de Jeff Bebe e do novo produtor da banda, Russel acaba sendo estimulado a telefonar para a Rolling Stone e desmentir praticamente toda a matéria de Willian. Russel faz isso, retirando a credibilidade de Willian perante a Rolling Stone, e o deixando em uma situação humilhante e mais que constrangedora. Com esses fatos, percebe-se o quanto é difícil, para um profissional do jornalismo, conseguir equilibrar os dois aspectos com que terá de lidar. Willian colocou-se entre

---

<sup>17</sup> Extraído do filme “Quase Famosos” (Cameron Crowe, 2000), aos 0:48:35 minutos.

<sup>18</sup> Extraído do filme “Quase Famosos” (Cameron Crowe, 2000), aos 0:45:43 minutos.

sua carreira (Rolling Stone) e sua amizade (Stillwater). Ao tornar-se parcial e confidente para com a banda e preocupado em preservar a moral de seus integrantes, a credibilidade de seu trabalho foi destruída e rejeitada. Porém, ao agir profissionalmente publicando tudo o que viu, acabou traindo seus princípios e prejudicando amizades. Esse dilema pode vir a atormentar qualquer profissional do jornalismo, e a escolha dependerá individualmente da personalidade de cada profissional e do seu grau de racionalidade. Em “Quase Famosos”, Willian demonstrou um grau considerável de racionalidade. Porém, não inabalável.

Ao final do filme, Russel, em um acesso de ética, telefona para a Rolling Stone, afirmando que o texto inteiro de Willian era um registro da verdade. Então, a matéria de Willian acaba sendo publicada como capa da Rolling Stone.

Porém, finais felizes em que os protagonistas são honestos e idealistas não são lá muito habituais (é necessário lembrar que a maioria dos filmes “embeleza” a realidade). Não é sempre que um artista age de forma íntegra perante verdades totalmente desagradáveis que a imprensa publica a seu respeito, assim como repórteres menos centrados cederiam a pressões de artistas querendo intervir em suas publicações. São situações que sempre irão depender do caráter dos envolvidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término do presente artigo, pode-se concluir que um bom profissional do jornalismo (assim como de qualquer outra profissão) deve evitar ao máximo se envolver pessoalmente com as fontes de seu trabalho.

O jornalista é o grande responsável pela transmissão de informação às massas. No atual mundo globalizado, as pessoas são atingidas por cargas de informação em tempo real, necessitando acompanhar de alguma forma esse fluxo incansável. Por isso, a população tem uma grande necessidade e dependência do trabalho dos jornalistas. É nisso que consiste a importância de o jornalista estar comprometido com a ética e a verdade. Todo ser humano tem direito à informação, e quando um jornalista comete um desliz, intencional ou não, as consequências são sentidas por um grande número de pessoas.

O filme apresentou um final feliz, mas é sabido que situações como a retratada no mesmo não costumam terminar bem, podendo até mesmo tomar proporções catastróficas. O mundo não é composto somente de pessoas éticas. Willian Miller, Russel Hammond e Penny

Lane são o arquétipo do ser idealista e até inocente que demonstra razoável preocupação com as outras pessoas.

Para realizar o estudo do filme, foi necessário um breve estudo da psicologia, do básico da área do jornalismo, da ética, da cultura nos anos 70 e do cinema. A psicologia auxiliou nos estudos do ser racional e emocional, bem como nas delimitações entre instinto, vida afetiva e razão. Foi necessária a consulta de livros que abordam o básico da profissão de jornalista, como a história do jornalismo, as subprofissões que existem dentro dessa área e o envolvimento da ética no mesmo. Foi necessário também consultar uma monografia sobre o jornalismo gonzo, devido à escassez de material sobre o assunto. A ética é a espinha dorsal do trabalho, pois o filme é analisado por meio do ponto de vista ético. No desenvolvimento do artigo, o estudo da ética especificou-se na profissão de repórter, que é o ofício abordado no filme. Como a história do filme se passa em 1973, foi necessária uma pesquisa do contexto cultural da década de 70, que é considerada uma das mais revolucionárias do século. O rock'n roll foi uma parte essencial da cultura dos anos 70, e o filme se dá no cenário musical da época, tornando necessário, certo conhecimento sobre os nomes e estilos musicais mais importantes do período. Um breve estudo sobre linguagens cinematográficas também foi realizado, para uma melhor compreensão das mensagens de Crowe durante o filme.

Apesar do final feliz, é evidente que o filme mostra o quanto um envolvimento pessoal na profissão de jornalista pode ser destrutivo para a carreira de um profissional. Isso fica evidente nos momentos de tensão, dilema e até humilhação que Willian teve que passar no filme. Mas independente da conduta adequada que o jornalista deve tomar nessas situações, é sabido que não é fácil administrar os dois aspectos estando na posição de jornalista.

A grande conclusão é que a conduta do jornalista sempre irá depender de sua índole pessoal. É evidente que os fatores externos também exercem grande influência. Em outras palavras, as situações com que um profissional se depara influenciam a sua conduta, mas sua personalidade também influenciará sobre como proceder.

Porém, além de a ética recomendar imparcialidade e impessoalidade, ela sempre recomendará ações mais humanitárias e empáticas, pois tais ações facilitam o respeito entre profissionais e ajudam no seguimento dos seus códigos de ética. Dessa forma, o filme “Quase Famosos” apresenta esse dilema profissional, deixando as interpretações individuais de cada telespectador deliberarem a respeito de soluções e condutas a serem tomadas no meio profissional.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Felipe. **Lester Bangs**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/lester-bangs/>>. Acesso em: 03 mai. 2012.

BAHIA BOCK, Ana; FURTADO, Odair. **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo da Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

**Ben Fong-Torres**. Disponível em: <<http://www.benfongtorres.com/Biography/>>. Acesso em: 04 mai. 2012.

BOSCOV, Isabela. No tempo dos dinossauros: Cameron Crowe relembra sua vida nos bastidores do rock, nos anos 70, como o delicioso *Quase Famosos*. **Veja**, São Paulo, n. 1692, março. 2001.

CZARNOBAI, Andre. **Gonzo: O Filho Bastardo do New Journalism**. Porto Alegre: 2003. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.petcom.ufba.br/arquivos/gonzojornalismo.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2012.

KOTSCHO, Ricardo. **A Prática da Reportagem**. São Paulo: Ática, 2004.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. Brasília: Brasiliense, 1990.

**Nelson Motta**. Disponível em: <<http://www.producaocultural.org.br/videos/nelson-motta-2/>>. Acesso em: 03 mai. 2012.

**Principais Acontecimentos dos Anos 70**. Disponível em: <[http://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos\\_70.htm](http://www.suapesquisa.com/musicacultura/anos_70.htm)>. Acesso em: 04 mai. 2012.

RIBEIRO, Alex. **Os Abusos da Imprensa**. Brasília: Brasiliense, 1995.

ROCHA, Luciana. **“Quase Famosos” Traz Visão Nostálgica do Auge do Rock na Década de 70**. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/cinema/drama/famosos.htm>>. Acesso em: 04 mai. 2012.

SENRA, Stella. **O Último Jornalista: imagens de cinema**. São Paulo: Estação Liberdade. 1997.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel. **O Mundo dos Jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.

VALLS, Álvaro. **O Que é Ética**. Brasília: Brasiliense, 2003.

VINIL, Kid. **Almanaque do Rock**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2008.